

Luan Rocha de Campos

BANHAR PARA DESCARREGAR: A TERAPÊUTICA DOS BANHOS NA UMBANDA

Luan Rocha de Campos - Mestrando em Ciências da Religião/PUCSP

Resumo:

Constituído de diversos elementos e preparados para determinados fins, os banhos de descarrego na Umbanda possuem um papel importante na prática de toda ritualística da religião, bem como na vida pessoal do simpatizante, adepto ou iniciado. Ainda que a Umbanda seja uma religião nascida num contexto urbano, sua ligação com os elementos da natureza é indispensável, pois é deste ambiente que o axé dos orixás é proveniente. Os banhos, nesse sentido, possuem algumas funções específicas, que vão da feitura e do batismo do iniciado ao receituário feito por guias e chefes de santo em vista de que a vida do consulente se transforme e este alcance seus objetivos tão desejados. Preparar um banho com ervas maceradas ou fervidas em água quente, não só ajudará o indivíduo a se limpar de “energias pesadas”, como também o fará entrar em relação com as forças que guiam arquetipicamente o terreiro, bem como com as entidades que orientam os filhos de santo daquele espaço sagrado. Este trabalho tem como objetivo apresentar o sentido dos banhos de descarrego na Umbanda em vista de que possamos compreender melhor a função terapêutica destes na vida das pessoas que recorrem à religião em busca de cura e saúde.

O banho, desde a antiguidade, possui papel de destaque na diversidade de culturas existentes no mundo. Em meio ao contexto religioso, sua função sempre esteve ligada a ideia de renovação e renascimento. Dentro das religiões afrobrasileiras, por sua vez, o seu papel sempre foi essencial, pois somente por meio dos banhos de limpeza espirituais e de fortalecimento mediúnico é que tanto o iniciado quanto o consulente, terão condições de encontrar resoluções para suas questões. Este artigo tem como objetivo apresentar em três partes alguns pontos de destaque em torno do banho e sua função ritual, principalmente na religião de Umbanda. Primeiro, apresentaremos um breve resumo sobre a história do banho. Logo em seguida, discutiremos sobre a ideia de doença dentro da religião umbandista, para em seguida apontar qual a função simbólica dos banhos de descarrego dentro da religião.

A função simbólica da água e do banho: um breve resumo.

Hoje, tudo o que diz respeito a limpeza e a purificação nada tem a ver com a concepção da antiguidade em torno da água e do banho. Em meio às gôndolas dos mercados, farmácias e spas encontramos, não apenas sabonetes ou shampoos, mas uma grande variedade de produtos que evocam não apenas uma limpeza do corpo, mas seu bem-estar como um todo, seja visando a maciez ou perfume da pele, a proteção ou resistência do corpo em meio ao calor ou frio etc. Em nosso contexto moderno e, principalmente, ocidental, o banho não é mais visto como algo possuidor de função ritual, ainda que fazê-lo seja um processo ritual para todo aquele que, habitualmente, o faz em sua vida. Contudo, se voltarmos alguns séculos atrás encontraremos tanto na água quanto no banho a uma função simbólica essencial na ordenação da vida de grandes civilizações.

A água, em quase todas as religiões, é a representação da purificação e da limpeza profunda. Aspectos estes ligados, ademais, a graça e ao perdão. Existe uma estreita relação, por assim dizer, entre a limpeza que é proveniente da água e do ato de banhar-se, com a sujeira, que diz respeito a tudo aquilo que se encontra fora desse campo da graça, do perdão, da regeneração e da pureza (não enquanto algo limpo apenas fisicamente, mas como algo que não teve maculada sua essência divina ou sagrada). Banhos e imersões possuem uma relação natural com ritos de passagem ou de iniciação, cerimônias que marcam a transição de um estágio da vida para outro (a criança que se torna adolescente, a condição de solteiro para a de casado, o estado de vida para o de morte ou do de morte para o de vida etc.). Mergulhar nas águas e emergir dela é uma maneira de declarar completo abandono pelo velho em detrimento do novo. Chevalier e Gheerbrant (1996, p.15) afirmam que “as significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência”.

Era muito comum noivas, e até mesmo noivos, no período da Grécia Antiga, tomarem o seu banho pré-nupcial. Na Alemanha renascentista, era também natural as mulheres jovens confeccionarem uma “camisa de banho” para seu futuro marido. Cavaleiros ou religiosos tomavam um banho ritual antes de sua investidura, fosse para receber sua insígnia real, fosse para tomar seus votos de castidade perante a instituição religiosa. Entre os judeus sempre foi muito comum, além dos banhos de purificação antes de qualquer função sacerdotal na sinagoga, a lavagem do corpo dos mortos, como símbolo essencial de passagem dessa vida para uma posterior (ASHENBURG, 2008, p.16). Entre os indianos, por exemplo, o banho não está ligado apenas a purificação, mas também a uma espécie de reconexão com o sagrado, que abençoa o indivíduo no

momento do banho. Entre as práticas candomblecistas, a água possui papel fundamental, não apenas no banho de fortalecimento com ervas do seu respectivo orixá, mas também na administração do axé dos assentamentos nos terreiros. Entre os cristãos, por sua vez, o batismo é, por excelência, o símbolo da morte e renascimento de uma vida de impurezas e apartada do plano de salvação para uma nova existência, livre de influências maléficas e de uma moral estranha, conectada, por assim dizer, aos planos de salvação de Deus.

É interessante apontar que os ritos de passagem e a religião não são os únicos contextos nos quais a água e os banhos estão presentes. Até o fim do século XIX, os banhos terapêuticos desempenharam um papel muito significativo dentre o repertório médico ocidental. Era mais que comum, também, o banho como ato social, principalmente entre os romanos, povo este que popularizou as famosas casas de massagem e banho por praticamente toda Europa. Foi com o cristianismo, porém, com sua ênfase espiritual em torno do banho, que o menosprezo e a negligência com o corpo dominaram quase que praticamente a cultura do Ocidente. Os séculos de XIII a XVIII são um período em que passa a existir um grande distanciamento das pessoas não só do uso da água enquanto símbolo religioso, mas também de sua função orgânica, como forma de manutenção da limpeza de corpos e ambientes.

Em linhas gerais, a água, simbolicamente, é um elemento que gera uma consciência de si mesmo, refletindo ao homem sua própria figura, ou seja, representando como num espelho tudo aquilo que ele é. Por seu movimento, sugere a ideia de mobilidade das coisas e momentos, representando tudo o que é passageiro. Por estar no útero da mulher ao longo da gestação, é símbolo da vida, mas também da morte, quando da sua capacidade de destruir tudo o que está ao seu redor, limpando o que não serve mais e abrindo espaço para que algo novo possa existir. Na Ásia, a água representará a regeneração corporal e espiritual, a fertilidade, a pureza, a sabedoria e a virtude. Sua fluidez evoca a dissolução, enquanto que sua homogeneidade evoca a coagulação. Para a cultura tantra, a água representa o prana ou a força vital. Tida como um elixir, para muitos países do oriente a água é a aquela capaz de dar ao ser humano a beleza e a imortalidade. Oposta ao yang, ela representará para os chineses o feminino e tudo o que é frio, intrauterino e de função nutritiva. Múltiplo em seus significados, este elemento dificilmente não terá uma presença marcante ao longo da diversidade de culturas no oriente e no ocidente.

O corpo, nesse contexto, será de grande importância para a compreensão da relação do homem religioso com a água, pois enquanto para alguns ele representará o espaço de manifestação do sagrado, para outros o seu menosprezo será de grande valia, pois o que mais importa são as coisas do

espírito. Isso se refletirá, ademais, na forma como os rituais serão desenvolvidos por cada religião. Dentro de um contexto afro-brasileiro, por exemplo, o trato e o cuidado para com o corpo terão papel essencial na relação que o adepto ou iniciado tem com sua divindade pessoal, principalmente do seu uso da água em banhos para diversos fins. Receptáculo de energia e do próprio deus, o corpo é exaltado como sinônimo de alegria, saber, poder, intensidade, sentimentos, arte e movimento. Concepção essa contrária a religiões monoteístas como o cristianismo ou até mesmo espiritualistas como o espiritismo, que vêem na matéria ou na carne uma espécie de prisão. Esse aspecto é fundamental para entendermos melhor o sistema terapêutico presente dentro de religiões como a Umbanda, que enxerga no corpo a cristalização da doença ou do mal.

Da doença à desordem: a Umbanda terapêutica.

É muito comum vermos pessoas desenganadas de cura perante o método médico tradicional, que lida com os problemas ou disfunções físicas com elementos químicos e cirúrgicos. Contudo é tão comum quanto vermos essas pessoas desenganadas pela medicina saírem em busca de tratamentos alternativos ou complementares, que possam de alguma forma lhes auxiliar num processo de cura, melhoria ou aceitação de sua condição de saúde. É, sobretudo, para o ambiente do terreiro, que muitos se direcionam em busca de algo que possa ser feito por seus males, vistos fisicamente, mas compreendidos ali sob uma ótica espiritual. Aqui está presente uma linha tênue entre o que é e o que não é considerado “doença material” e “doença espiritual”. Essa visão é importante de ser apresentada, pois para o umbandista, na maioria das vezes, o primeiro tipo de doença sempre é preconizado pelo segundo.

Paula Montero, em sua obra “Da doença a desordem” (1985), trabalha exaustivamente essa temática ao apontar a magia como último recurso diante do fracasso da medicina e de seus tratamentos medicamentosos. É interessante, pois ao passo em que a doença é sinônimo de perda de algo essencial na vida do indivíduo, ela desempenha, ao mesmo tempo, um papel revelador, no sentido de que a pessoa tem “revelada” pra si a explicação sobrenatural das causas de seus malefícios. Muitas das doenças que se encaminham para o espaço do terreiro, em vista de que ali possam ser explicadas, não foram percebidas pela visão médica, ainda que o indivíduo tivesse em seu corpo os sintomas de algum problema. Isso aponta, além da incapacidade de diagnóstico por parte dos métodos convencionais, para uma presença na vida da pessoa de forças

sobrenaturais, cuja natureza, origem e intenções cabem ao médium investigar, e não ao médico (MONTERO, 1985, p.135).

Se a doença fosse simplesmente um fenômeno material, o médico a teria detectado com seus aparelhos e sua visão. Sua incapacidade de perceber a doença é uma afirmação de que a doença não é realmente uma doença: os sintomas mórbidos são indicadores de uma outra ordem de acontecimentos, que tem a ver com a esfera do mágico e do transcendente. Tudo se passa como se o médico [...] corroborasse “cientificamente” a existência de uma esfera que escapa a sua competência. (MONTERO, 1985, p.136)

Neste contexto, a doença passa por um processo de resignificação e é entendida pelo adepto da religião, ou por aquele que vai em busca de sua cura, como uma espécie de desordem, no sentido de que os sintomas da doença no corpo apenas são um indício de uma ameaça ainda maior. Enquanto expressão de uma negatividade quase que absoluta, a doença se torna uma espécie de paradigma do conflito, denotando de forma metafórica descontrole e caos não apenas no corpo físico, mas igualmente em sua interligação tanto entre o corpo social quanto no corpo astral ou espiritual. Montero (1985, p.142), ao aprofundar seu entendimento sobre as doenças no contexto umbandista, categoriza em três tipos as causas desses males. Primeiro, causado pela própria pessoa, ou seja, é por meio de sua transgressão no jogo ritual, bem como de sua moralidade, que a pessoa atrai para si toda sorte de influências negativas (maus fluídos, quiumbas ou obsessores). Segundo, causado por terceiros, ou seja, são por meio de feitiços ou obsessões que a pessoa acaba convalescendo, pois alguém está desejando o seu mal. E terceiro, causado pelo karma, ou seja, as doenças estão cumprindo um papel de auxílio no processo evolutivo da pessoa.

É importante dizer que mesmo sendo a transgressão moral um fator determinante, dentre outros, para o surgimento dessa desordem, não é ela que a prática mágico-religiosa tem a intenção de alterar. Seu intento está, antes de qualquer doutrinação, em controlar as forças negativas responsáveis pela desordem no mundo e, principalmente, na vida cotidiana da pessoa adoentada. Posto isso, é válido adentrarmos a esfera do corpo nessa compreensão em torno da desordem, pois a este é atribuído um local privilegiado na ação mágica de correção dessa desordem. Por serem de uma ordem invisível, as doenças espirituais só são “vistas” a partir do momento em que sua materialização se dá no próprio corpo, espaço em que é possível domesticar essas forças. Montero (1985, p.150), nesse sentido, afirma que as práticas rituais do meio umbandista acabam visando este corpo, “na medida em que este (grifo nosso) é um “corpo-que-fala” que encarna e expressa algo que lhe é estranho e exterior”. Por isso, ao tentar organizar didaticamente as práticas mágico-terapêuticas umbandistas, Montero acaba por dividir em: a) os tratamentos que visam a ação direta no

corpo do doente (a desobsessão ou “puxada”, que consiste em retirar por meio de uma corrente vibratória e o intermédio de um ou mais médiuns as forças negativas do corpo da pessoa doente; os passes ou benzeções; os banhos de descarrego); b) os tratamentos que visam a neutralização e a atuação espiritual direta de seres maléficis, atraindo para o indivíduo a proteção de entidades benéficas (desenvolvimento mediúnico; chás; irradiações; entregas, despachos e obrigações).

De maneira geral, ainda que a forma como cada ritual é feito possa variar de terreiro pra terreiro, a sua principal intenção está em expulsar qualquer força indesejada que esteja desordenando ou desorganizando a vida da pessoa. Toda e qualquer força não conhecida não é bem-vinda, pois o médium ao lidar com o invisível, deve, utilizando de seus recursos mágicos, controlar tais forças, que só são possíveis de serem contidas á medida que são conhecidas. Não se controlada o que é obscuro ou desconhecido. Por isso é de suma importância a prática de rituais que simbolizam em sua ação o ato de tirar algo de alguém, dando espaço para o que devidamente deve entrar na vida da pessoa (no caso, o foco de nossa análise apontaria a saúde, antes de outras coisas como amor, prosperidade etc).

Banhos de Descarrego: função simbólica

Sabemos que dentre muitos tratamentos presentes no ambiente do terreiro, o banho é um dos que mais se destaca, devido à facilidade do consulente poder fazer no ambiente doméstico tal ritual. Tido, segundo Montero (1985, p.152), como um tipo de terapêutica que visa a ação direta no corpo da pessoa, ele não é só isso, pois sua função abrange muito mais utilidades, que não dizem respeito apenas a um controle da desordem na vida do adoentado, mas também uma espécie de pré-requisito na prática mediúnica e na limpeza e administração da força ou axé que sustenta o espaço sagrado do umbandista.

O banho de descarrego, além de carregar em seu simbolismo a carta de sentidos provenientes do que representa o banho em si, ou seja, purificação, limpeza, morte e renascimento, também traz como segundo nome o aspecto da descarga ou retirada de algo que tende a colocar o corpo (enquanto conjunto biológico, social e espiritual) em desordem, sinônimo para a presença de forças malignas no indivíduo e cristalizada neste corpo, que evoca, num sentido mais profundo a alusão da maldade com a sujeira. Ou seja, neste aspecto é válido dizer, seguindo a lógica de Mary Douglas, que a sujeira, nada mais é, do que um sistema ou um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção a ordem natural das coisas (DOUGLAS, 1966, p.50).

O consulente ao passar em uma consulta com o espírito guia do terreiro ou qualquer outra entidade dos filhos de santo daquele templo, geralmente tem receitado para a resolução de seus problemas banhos, que trarão em sua composição ervas, plantas, flores, frutas ou perfumes específicos e destinados a ordenação deste ou daquele problema. A qualidade do banho representará este ou aquele problema dependendo da relação que é feita entre os elementos que o compõe com o resultado desejado, tanto pelo consulente, quanto pelo espírito-guia.

Outros “trabalhos” geralmente são recomendados para a desordem não retorne na vida da pessoa, mas é muito comum a recomendação de banhos como uma espécie de continuidade do tratamento, que naturalmente não tem um fim, mas uma continuidade, à medida o homem em relação com o mundo acaba por ter provocado em sua vida males (provenientes de sua transgressão ou provocados por terceiros).

O ato de banhar-se evoca simbolicamente, num primeiro momento, a limpeza do corpo de energias deletérias que estejam prejudicando o indivíduo. Isso faz com que se afastem de seu corpo (vida com um todo) toda e qualquer influência negativa de entidades espirituais. Após isso, o próprio ato de descarregar evoca a possibilidade de um vazio, que deve ser preenchido de energias benéficas provenientes tanto dos próprios elementos presentes no banho, quanto por meio da presença positiva de guias e espíritos bondoso e caridosos. O interessante é que atrelado a tudo isso, duas coisas são importantes de serem vistas: a primeira, diz respeito à relação que é travada entre consulente e entidades espirituais, no sentido de que para sua melhoria a pessoa se compromete tanto com ela mesma quanto com a entidade, pois parte do ato de se banhar é de responsabilidade do próprio consulente; e segundo, existe um tipo de relação que se dá, sobretudo, do consulente com a entidade e o ambiente da natureza, *locus* por excelência dos orixás e de guias como os caboclos.

Além de sua função corretiva e de restabelecimento da ordem e da pureza, o banho também é utilizado pelos próprios adeptos da religião como forma de fortalecimento de sua conexão com as divindades e de abertura de seu canal de comunicação com as entidades espirituais. Usado, inclusive, na administração de assentamentos e tronqueiras, os banhos também desempenham o papel essencial quando das lavagens de chão do ambiente terreiro. Não porque de fato existe uma limpeza dita energética nesses locais ou no corpo do médium, mas porque o ato em si, como apontamos a pouco, cria uma íntima identificação e ligação do ser humano com o sagrado, que deve ser a todo tempo agrado e lembrado, afim de que sua ira não recaia sobre os seus filhos ou iniciados.

Referências

ASHENBURG, Katherine. Passando a limpo: O banho: da Roma antiga até hoje. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, folemas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1996

DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1966.

MONTERO, Paula. Da doença à desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.